

CAPÍTULO 5

“O PEREGRINO SOLITÁRIO”

Vamos interromper a narrativa do Caminho, fazer uma pausa e falar sobre o Peregrino Solitário.

(O Buscador do Caminho).

Aquela Centelha Divina projeta no mundo manifestado uma parcela de 1/100 (um centésimo) para adquirir experiências e transformá-las em perfume, e assim, levar para Casa o resultado da ação cometida.

Este eu pessoal não pode ter consciência do EU SUPERIOR, porque ele é fragmento paralelo Dele. A personalidade e a Consciência do eu pessoal, são motivos que limitam a Essência do Eu Superior Ilimitado. Por ser ele fragmento;

A consciência dele é limitada e Ilimitada do Eu Superior, Como Ele É.

O Eu Superior, por sua vez, não pode conhecer a sua Consciência individual, senão, perdendo a consciência do Princípio Único e Universal de onde emana.

Não podemos saber que existimos senão, sabendo que existe algo além de nós. De outra forma, não saberíamos que nós existimos.

O Eu Superior limita o seu horizonte infinito, divide a sua Unidade transcendente em um “eu” separado e, constrange-se a estabelecer relações com Ele.

Concede uma parte de Sua Consciência, para se tornar o eu pessoal em Eu Consciente, para transformar as experiências relativas em resultados absolutos do saber.

Na prática, a consciência não nasce, senão de um contraste.

O primeiro destes contrastes deve necessariamente ser o que existe entre si mesmo e o que existe fora de si.

Ter consciência do Eu, implica a necessidade imperativa de um Não-Eu, coexistente e em contraste.

A Consciência do Eu deve limitar-se pelo conhecimento do não-Eu. Ela limita-se pelo conhecimento do não-Eu. Desta forma, não se limita para saber a dimensão do próprio Eu.

Se o Eu Superior deve criar oposição de outro, separado, distinto Dele, é preciso sem dúvida, delimitar uma parte Dele mesmo, contrair um fragmento do seu infinito. Em seguida, concentrar-se de maneira intensiva em munir, de tudo o que é necessário, á este Eu limitado, de um campo de experiência que O complete, que complete a personalidade Dele, da qual, Ele possa ter Consciência, como de alguma coisa exterior a Ele, ele tem que ter uma experiência para completar-se.

A pessoa projetada entra assim na existência. Ela existe pelo que é exterior a Ela. Só por isso que existe, de outra forma não existe, porque aquele mundo exterior não existe a não ser por ela, vamos dizer, por esta nossa Consciência.

CAPÍTULO 5

"O PEREGRINO SOLITÁRIO"

Então é imperativo que exista alguma coisa aparente fora, exterior para constataremos nós, a nossa existência. De outra forma não faria sentido de existir aquele mundo de fora.

O Eu pessoal e o mundo exterior são estritamente interdependentes, inseparavelmente fundidos, em cada momento indivisível da Consciência individual, o mundo externo e o nosso mundo do Eu.

Todos os instantes de nossa vida, não se desligam, porque de outra forma, não acha a sua consciência individual. Porque este Eu pessoal depende do mundo exterior para constatar pelo contraste, a sua integridade de Unidade. De outra forma, não a encontraria.

A pessoa chega num tempo de vida, quando a inteligência aflora e se expande, quando diz:

"Quem sou Eu, meu Deus, gostaria de Saber"?

Com certeza chegou numa maturidade, onde o Eu tem ansiedade de conhecer-se a si mesmo.

Esta maturidade, o faz separar o observador e o assunto observado, quer dizer: o que observa lá fora as suas necessidades e como observador, permanece no seu estado, uma vez que é partícula, fragmento Divino tinha que ter uma Consciência Divina e permanecer no seu estado Divino, e não se misturar com as formas-pensamento lá fora, que são formas de experiência, e não de vivência.

A Consciência de si, desperta na proporção que a Personalidade adquire consciência do mundo externo.

A percepção do espaço-tempo se efetiva através dos cinco sentidos, que produz a exteriorização das percepções e da sua experiência no campo dos objetos e da sua crença.

A Consciência adquirida alcança preço elevado, porque requer muito sofrimento, para separar o Eu com a experiência observada lá fora. A experiência observada faz parte do nosso Eu, não pode se separar ou ser de outra forma. Não pode ser de outro espaço ou de outro tempo, assim é definida.

Cabe a nós, então, com a inteligência, já adquirida pelo percurso das experiências acumuladas, achar um posicionamento, mais nobre, mais elevado, mais distinto, diferenciando o Observador do objeto observado e não se fundir com aquilo, por ter o resultado de cada análise, a experiência e a utilização da experiência.

O pouco que falamos sobre a dualidade do "EU", das formas, do caminho, da elevação, o primeiro passo seria dentro de uma realidade pragmática: o que realmente "PODE" fazer. Não com ansiedade, mas sim com o que deve começar. "Como" vai começar. Como delinear estas etapas, para gerar um ritmo que define o tempo, a velocidade, a ação, para chegar à realização de um propósito.

CAPÍTULO 5

"O PEREGRINO SOLITÁRIO"

O leitor não será o Iniciado que caminha nas estepes ásperas e pedregosas.

Como nós não temos muito tempo, para estudar todos os mistérios que envolvem o Homem e o Universo, é melhor definir como buscar saber para se libertar das amarras da não cognição que envolve o EU.

"Abençoado Aquele que sentiu Gratidão pela Razão que conferiu o direito de nascer, para buscar Saber."

SARVAMANGALAN
"QUE SEJAM TODOS ABENÇOADOS"

MAHARIAN.